

MATRAGA PEDE PASSAGEM: O RITO, O HERÓI E A INDIVIDUAÇÃO EM GUIMARÃES ROSA

Maria Esther Torinho *

RESUMO: *Augusto Matraga, personagem de Guimarães Rosa, senhor de terras autoritário, após perder tudo e ser humilhado, pensa que ainda terá sua hora e sua vez. Submetido a uma vida de privações, sofre uma transformação forjada na dor, no encontro com o sagrado e no desejo de servir, em um rito de passagem ao encontro de si mesmo. Este artigo empreende uma análise de Matraga, com o apoio da teoria de Van Genepp sobre os ritos de passagem e da trajetória do herói, segundo as propostas de Campbell e Carol Pearson, com uma breve incursão pela Psicologia Analítica de Jung.*

PALAVRAS-CHAVE: *Matraga, ritos, herói.*

ABSTRACT: *Augusto Matraga, Guimarães Rosa's character, an authoritative farmer, loses everything, is humiliated. Living a poor life, his transformation is based in the pain, in meeting the sacre and the disposition to serve, crossing a road to meet himself, while he hopes to have his hour and his time. This article analyses this character, taking as theoretical support Van Genepp's theory about rites of passage and the heroes trajectory, according to Campbell and Pearson's point of view, besides giving a brief view on Analytical Psychology, by Jung.*

KEY WORDS: *Matraga, rites, hero.*

O conto “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”, o último de *Sagarana*, livro de João Guimarães Rosa, narra a história de Nhô Augusto Esteves, proprietário de terras que perde tudo e ingressa em uma nova etapa de vida, durante a qual se reestrutura interiormente, através de um rito de passagem.

O termo rito de passagem provém da Antropologia Cultural e faz referência ao conjunto de cerimônias existentes em diversas culturas e que costumam acompanhar a passagem do indivíduo de uma condição a outra, de um mundo cósmico ou social a outro e que, de acordo com VAN GENEPP (1969, p. 13-18), desenvolvem-se através de três etapas: rito de separação, período de margem, rito de reagregação, acompanhando as mudanças de lugar, de posição social, de status, de idade.

A história de Nhô Esteves passa por uma trajetória bastante complexa, que se desenrola através de três fases distintas, ilustrando de forma precisa toda a seqüência dos processos de transição cujo conjunto recebe o nome genérico de ritos de passagem. No caso de Nhô Esteves, o

*Mestranda em Estudos Literários - Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Espírito Santo

rito de passagem não diz respeito à mudança de idade, mas de status social, estando todas mudanças bem caracterizadas e nitidamente marcadas no conto. Por ser dado como morto, é necessário que haja um renascimento para que se configure o rito de separação, que separa definitivamente os mortos dos vivos, não propriamente através de uma morte corpórea, mas da “morte” da identidade pessoal e das relações interpessoais. No conto, a personagem é forçada a uma dupla passagem: após a morte moral, há uma reintegração ao mundo dos vivos, para, posteriormente, haver nova transição, desta vez, real e definitiva, para o domínio dos mortos.

No início do conto, Nhô Augusto Esteves das Pindaibas é um homem abastado, proprietário de terras, com jagunços que lhe obedecem as ordens, sempre acatadas e jamais questionadas por quem quer que seja. Sua vontade é lei. Tendo família constituída, mesmo assim freqüenta as prostitutas do “Beco do Sem-Ceroula” e chega a arrematar uma delas em leilão, em uma verdadeira reificação do gênero feminino. Aliás, a esposa também faz parte dessa transformação da mulher em coisa, em objeto que serve apenas aos seus desejos: ela tem o apelido de Sariema (nome de ave) e ele não a vê como um ser humano provido de valor próprio, de desejos e de sentimentos, com a mesma carga de validade que os dele próprio: ele gosta dela apenas aos pedaços, ou seja, de partes do corpo e não dela, como ser humano, inteiro.

Nhô Esteves vive apenas em função de um código de honra advindo da sociedade patriarcal, do meio rural, com o apoio dos capangas; faz e desfaz na região onde mora, pois goza de proteção política. Assim, detém um poder jamais questionado e com isso, desconsidera inclusive a família, submetendo e intimidando a todos, que não têm forças para reagir. No entanto, é preciso observar que não cabe apenas a ele ostentar o poder do macho, estando esse poder presente nas atitudes dos outros homens da história e no leilão que ocorre atrás da igreja. De fato, Nhô Esteves tem suas atitudes calcadas no machismo, na prepotência e na arrogância, no entanto caberia uma reflexão sobre até que ponto essas suas atitudes fazem parte de suas reais convicções ou são decorrentes do meio em que vive, que o transforma em mais um robô, comandado pela máscara social de macho e senhor de terras.

A segunda fase de sua trajetória é caracterizada pela ruína: Dionóra, a esposa, foge com outro, levando consigo a filha de ambos; endividado, seu maior inimigo, o Major Consilva, toma-lhe as terras e seus jagunços passam para o lado do novo senhor. O Major Consilva é manifestação do outro, o anti-sujeito que contribui para dar fim ao poderio de Nhô Esteves, tentando tirar-lhe até mesmo a vida.

Assim, quase qualquer um capia outro, sem ser Augusto Esteves, naqueles dois contratempos teria percebido a chegada do azar, da

unhaca, e passaria umas rodadas sem jogar, fazendo umas férias na vida: viagem, mudança, ou qualquer coisa ensôssa, para esperar o cumprimento do ditado:” Cada um tem seus seis meses... (ROSA, 1977,p.333).

Mas Nhô Esteves não se dá por vencido e, decidindo ir sozinho enfrentar o inimigo, cai em completa desgraça completa, sendo espancado e tendo o corpo marcado a ferro justamente pelos jagunços que até há pouco lhe obedeciam cegamente. Em seguida, é levado para um rancho no Barranco, para aí ser morto, mas atira-se em um abismo. Tendo perdido tudo que possuía – família, posses, jagunços, status e posição social – perde agora a identidade, sendo dada justamente ao inimigo, o Major Consilva, a prerrogativa de decretá-lo morto, chamando-o de cachorro e afirmando que o tempo do bem-bom havia acabado e que não havia mais Nhô Augusto Esteves, das Pindaibas, com o que os jagunços concordam prontamente e em coro.

Há uma dupla simbologia contida neste abismo em que a personagem é lançada: em um plano mais superficial sugere a morte, enquanto em um nível mais profundo simboliza o útero, uma regressão ao ventre (neste caso, a terra-mãe), o que possibilitará o seu posterior renascimento.

Na terceira fase, Nhô Augusto acompanha o casal de negros velhos, dormindo durante o dia e viajando à noite, em uma viagem que simboliza o contato com as sombras, com o lado negativo de si mesmo. Chega a um local distante dali, o povoado do Tombador, onde ninguém o conhece, embora todos gostem logo dele, pois tinha, ao mesmo tempo, algo de doido e de santo.

O fato de ser totalmente desconhecido no local, ao mesmo tempo em que dificulta sua adaptação ao meio, concorre para facilitar a mudança radical que está para acontecer: não sendo alguém com status definido, com papéis sociais pré-determinados, pode assumir papéis outros, diferentes daqueles do modo de vida anterior, enquanto no nível do psiquismo, pode entregar-se ao encontro com seu eu interior e buscar a reestruturação.

Passa a um modo de vida totalmente oposto ao anterior: trabalha arduamente, submete-se ao casal de negros, humilha-se diante deles, deixando, inclusive, que vivam às suas custas. Isso é o que a Antropologia Cultural denomina liminaridade: dado como morto, Augusto Esteves troca de nome, muda o comportamento, subordina-se ao casal de pretos e se retempera por meio de trabalho árduo e extenuante. Já não bebe mais, não fuma, não se importa mais com a posse de bens e riquezas, alimentando apenas o desejo constante de ir para o céu, ainda que seja a porrete.

Adquire nova identidade: agora é Matraga que, instado pelo casal de negros, confessa-se a um padre, quando então se completa o rito de

separação, levando-o a ingressar em um outro mundo, completamente diferente do que conhecia até o momento, um verdadeiro limbo em que se constitui o universo da liminaridade, não estando morto de fato nem verdadeiramente vivo.

Nos ritos de passagem, esse período de “margem” é sempre vivido longe do lugar de origem e Matraga o vivencia em um casebre mal construído, localizado em um lugar ermo, no meio de árvores, o que representa uma metáfora da descida na escala social, trazendo todas as dificuldades inerentes à nova situação e no nível da simbologia do psiquismo, o confronto com o lado escuro da psique, com o outro lado da vida. Até esse momento, não está mais integrado à estrutura anterior e ainda não se encontra integrado à nova estrutura, portanto, não pode assumir um status definido dentro de qualquer uma delas. Porque deixou a situação antiga e ainda não se integrou ao novo ambiente, quem era mandante agora é subordinado ao casal de velhos, embora os sustente.

Trata-se de um período de margem que se prolonga por mais ou menos seis ou seis anos e meio e que consiste em um tempo de penitência caracterizado principalmente pelo trabalho, desprendimento, abstinência sexual, rezas, generosidade, cordialidade, enfim, por uma absoluta inversão de valores.

Temos, enfim, o rito de reagregação, quando Matraga resolve partir daquele local. Vaga pelo sertão e acaba chegando ao arraial do Rala-Coco, onde um velho terá um de seus filhos executado e as filhas violentadas pelo bando de Joãozinho Bem-bem, chefe de bando amigo de Matraga, como vingança pela morte de um jagunço. Matraga poderia ter-se omitido, poderia ter-se colocado ao lado do amigo Bem-bem, no entanto, se isto fizesse, retornaria ao mesmo ponto de partida, sem ter havido qualquer modificação significativa em seu interior e, desta forma, não se cumpriria o rito de reagregação, que exige uma transformação do modo de ser do transitante. A opção de Matraga é enfrentar o chefe do bando e salvar a família. Ao fazê-lo, mata Bem-bem, ao mesmo tempo em que perde sua própria vida, mas, antes de cair morto, recupera a antiga identidade, fazendo com que o reconheçam como o antigo “Nhô Esteves, das Pindaíbas”.

Reintegrando as características do que tinha sido antes com o que vinha sendo até o momento, ele pode morrer de forma digna e íntegra, ocorrendo nesse momento, uma dupla passagem, da fase de margem para o novo status na estrutura social, constituindo-se uma nova identidade, com direito a uma breve convivência com os homens), havendo, em seguida, uma segunda passagem, desta vez para o mundo dos mortos, quase santificado pelo velho cujos filhos salva do bando.

A INDIVIDUAÇÃO E A TRAJETÓRIA DO HERÓI

JUNG (1998) definiu como individuação o processo de autoconhecimento, através do qual o indivíduo é levado a estabelecer contato com o seu inconsciente, não apenas com o inconsciente pessoal (integrando as sombras), mas também com o inconsciente coletivo, integração essa que implica na separação do que é consciente daquilo que é “não consciente”, tendo como objetivo final o encontro do self, do centro da personalidade, para então realizar-se como individualidade, como personalidade, alcançando uma visão realista de si mesmo, embora com a consciência de que a perfeição é impossível.

Apresentando-se desde o início como um projeto de vida, através dos sonhos infantis, nos quais aparecem imagens arquetípicas desse centro da personalidade - os seus símbolos - o self é o modelo do ser humano completo, a matriz de todo progresso do ser, o padrão segundo o qual se desenvolvem as características individuais. O encontro do self é, muitas vezes, precedido de ansiedade e/ou angústia, que está associada à aquisição de uma maior consciência de si próprio, com todas as dúvidas e questionamentos que o indivíduo traz consigo e com o qual toma contato durante o processo.

A individuação geralmente é desenvolvida dentro de um processo terapêutico, mas também pode acontecer de forma natural. Existe mesmo quem chegue a realizá-lo sozinho; o próprio Jung o fez, seguindo o processo descoberto e descrito por ele mesmo. Para alcançar a individuação é fundamental que o indivíduo se despoje ao máximo das máscaras sociais, não ignorando seus próprios sentimentos, enfrentando com coragem os medos, angústias e dificuldades, buscando a origem dos problemas, fazendo-se de alguma forma a conexão com o Eu Superior, aquela dimensão do ser que transcende o ego, que tudo sabe e compreende, pois é a fonte da sabedoria que existe em todo ser humano. Embora seja um processo doloroso, a individuação oferece ao indivíduo a libertação da massificação imposta pela cultura, pelos papéis sociais, quando o ego domina totalmente o ser, sem deixar o mínimo espaço para escolhas pessoais.

Analisando a personagem pela ótica da teoria junguiana, vemos que durante a fase de provações, a personagem se despoja das máscaras sociais, em um autêntico processo de individuação. A perda, a humilhação, o rebaixamento na escala social funcionam como uma mola propulsora para o início da trajetória que o levará à descoberta do self, mesmo que não tenha consciência disto e que, de início, ainda pense em reconquistar o que havia perdido, tendo a sua hora e a sua vez. Porém aos poucos e através de muito trabalho e perseverança, Matraga se desveste de sua persona em prol da totalização psíquica e da integração entre os diversos aspectos de si mesmo.

De acordo com JUNG (2002), a projeção, ou seja, o fato de percebermos nos outros nossas próprias falhas e problemas é consequência do fato de que, em certos estados anímicos, procuramos ambientes e pessoas que reflitam como espelho o nosso íntimo, sem que o percebamos, de forma que, apesar de sua existência concreta, as pessoas, espaços e objetos, de uma certa forma, refletem o nosso próprio interior, motivo pelo qual lhes atribuímos um grau de importância muitas vezes acima do que na verdade possuem. Ou seja, o outro reflete aquilo que nós, de certa forma, negamos enxergar em nós mesmos, constituindo suas características negativas, a sombra.

O local ermo e o casebre onde passa a viver Matraga constituem o lócus apropriado para o contato com a sombra, o casal de velhos simboliza o lado pobre da escala social, a que ele antes não dava a menor importância, enquanto a vida austera, totalmente despida de diversão e de prazer, cheia de trabalho árduo, tem o claro significado de despojamento do supérfluo, com a consequente concentração de energia naquilo que é de fato vital para o processo de individuação.

Esta personagem apresenta, no início da história, um comportamento sádico, mas, a partir da brusca mudança brusca de vida, enquanto vive com o casal de velhos, deixa-se dominar por um certo masoquismo, em uma completa inversão quanto a este aspecto de sua personalidade, estando, este masoquismo, a serviço do encontro de um futuro equilíbrio, de acordo com a fórmula: +sadismo + masoquismo = equilíbrio.

A arrogância, a prepotência, o machismo e todas as atitudes que caracterizam o comportamento da personagem em sua primeira fase constituem a sombra, aqueles aspectos negativos da personalidade de que nos fala JUNG (1999) e dos quais ele deve livrar-se para poder encontrar o *self*.

A descida da personagem ao fundo do abismo, bem como a “descida” a uma posição subalterna representam, do ponto de vista da teoria junguiana, a ruptura com o mundo de antes e a necessidade de enfrentamento consigo mesmo, o confronto com a sombra, com a finalidade de reverter suas características mais negativas e alcançar um certo equilíbrio, encontrar o *Self*.

Anima e animus são dois conceitos pertencentes à esfera arquetípica e inerentes à nossa estrutura psíquica, podendo aparecer sob as mais variadas constelações simbólicas, de acordo com o momento. Quanto à sombra, trata-se também de um símbolo profundo, uma aquisição individual da *psique*, sempre ligada a um complexo pessoal. Enquanto na mulher se faz representar sob forma de figuras femininas, ou outros símbolos femininos, que podem ser espaços, objetos, animais, etc., no homem, está representada por figuras masculinas etc., podendo ter tanto significados positivos, como negativos (JUNG, 1964, p. 189). Tanto o *animus* quanto a *anima* e a sombra

são projeções inconscientes da psique, chamados de complexos, não dependem do raciocínio e demandam um longo e doloroso trabalho de elaboração, já que os complexos nada mais são que fontes de energia e, assim sendo, se forem direcionados de forma negativa, devem ser recanalizados para que passem a fluir de forma positiva.

A *anima* do homem, quando projetada positivamente, é responsável pelas características de sensibilidade, afetividade, amizade, senso estético, gosto pelo belo, pela natureza, etc. Projetada negativamente, a anima traz a manha, a impressionabilidade, o medo, dentre outras coisas. O *animus*, por sua vez, quando positivamente projetado, significa equilíbrio, raciocínio, inteligência, discernimento, etc, mas se projetado negativamente, confere as características de excessiva dominação, tirania, indecisão, instabilidade e egoísmo. (JUNG, 1999).

Na primeira fase da vida, Nhô Esteves não cede espaço para a anima, ocupando o animus praticamente todo o espaço da *psique*, não havendo lugar em sua personalidade, para o afeto, para a sensibilidade. Seu *animus* é projetado negativamente, o que o torna dominador, extremamente egoísta, tirano.

O ARQUÉTIPO DO HERÓI E SUA TRAJETÓRIA

Segundo NASCENTES (1952), a origem da palavra herói remonta ao grego *héros*, *héroos*, pelo lat. **heroe*. S. m e, de acordo com BUENO (1981), significa: (1) homem extraordinário por seus feitos guerreiros, seu valor ou sua magnanimidade. (2) P. ext. Pessoa que por qualquer motivo é centro de atenções. (3) Protagonista de uma obra literária. (4) Mit. Semideus.

A partir da narração feita por Rank da história do nascimento e da vida primitiva de heróis, príncipes e reis legendários, heróis nacionais, que começaram, em fase precoce, a ser glorificados por importantes nações civilizadas, FREUD (1969, p. 22-23) constrói uma “lenda média”, dando realce ao que essas histórias têm em comum: “O herói é filho de pais muito aristocráticos; geralmente, filho de um rei”, sendo sua concepção “precedida por dificuldades, tal como a abstinência ou a esterilidade prolongada, ou seus pais têm de ter relações em segredo, por causa de proibições ou obstáculos externos”, havendo uma profecia “que alerta contra seu nascimento, que geralmente ameaça perigo contra seu pai”; então, ao nascer, a criança “é condenada à morte ou ao abandono, geralmente por ordem do pai ou de alguém que o representa”. Mas o herói é salvo e, ao crescer, “redescobre seus pais aristocráticos depois de experiências altamente variadas, vinga-se do pai, por um lado, é reconhecido, por outro, e alcança grandeza e fama”.

De fato, diversas histórias, através dos tempos, falam do herói como filho de pessoas ilustres, de reis, de deuses com humanos, ou então é ele mesmo o próprio rei, sendo desde o nascimento marcado por situações desafiadoras para sua própria sobrevivência. É órfão, por falecimento ou por ter sido abandonado por um dos pais ou por ambos, em razão de alguma ameaça profetizada, antes mesmo de nascer. Acolhido por outra família, geralmente muito humilde, acaba por se destacar em decorrência de alguma virtude ou habilidade muito especial. Após um certo tempo, vem a descobrir sua verdadeira origem e inicia uma jornada de reconquista da identidade, retornando ao local de origem, retaliando o vilão ou seu pai, salvando a donzela ou vítima e conquistando sua própria soberania. Mas, de um modo geral, deve morrer em seguida, para assim ser declarado herói.

No que diz respeito ao nosso personagem, se não se trata de alguém aristocrático, no sentido usual do termo, ao menos é alguém que representa a riqueza, o mando e o poder no cenário rural, coincidindo também com a imagem do herói no fato de ter sido despojado de tudo e acolhido por uma família humilde, iniciando junto a eles uma jornada de reconquista da identidade e retaliando o vilão em defesa de algumas donzelas e seu irmão.

O herói é um arquétipo que representa o chamado e a luta pela individuação. Sendo inerente a todo e qualquer ser humano um sentimento de desamparo (sensação de orfandade), faz-se necessário o desligamento dos progenitores e a busca do próprio caminho. Também ocorre um sentimento de desamparo frente às exigências irracionais do ego, havendo um chamado interno para que se trave uma luta dolorosa no sentido de se tornar indivíduo, dono de sua vida e totalmente responsável por seus atos.

De acordo com a teoria de JUNG (1998), a individuação é um processo contínuo, um caminho a ser percorrido durante toda a existência, sendo, a cada etapa, ampliada a harmonia e a integração com o Self. Quanto ao caminho desconhecido a ser percorrido pelo herói, com suas dificuldades e desafios, trata-se de um risco já enfrentado por vários outros heróis, de maior ou menor quilate, em todos os tempos, de modo que ninguém encontra-se sozinho nessa aventura.

Ao seguir a trilha do herói o indivíduo, na verdade, empreende uma viagem ao centro de sua própria existência, mas, ao invés de encontrar-se sozinho, achar-se-á na companhia do universo. Eis uma viagem cujo roteiro pode ser cheio de pedras para serem contornadas, mas que invariavelmente levará ao centro de nós mesmos, pois adentrando os domínios do inconsciente coletivo, encontraremos outros companheiros de jornada.

Tendo-se debruçado sobre os atos de heroísmo ao longo do tempo, CAMPBELL e PEARSON relatam as características e feitos dos heróis, esmiuçando o sentido de suas vivências e apresentando-as teoricamente sob a forma de fases, as quais ocorrem não necessariamente na ordem em

que são colocadas aqui, mas mantendo sempre o mesmo profundo significado.

De acordo com PEARSON (1994), o herói passa pelas seguintes fases: o inocente, o órfão, o mártir, o nômade, o guerreiro, o herói propriamente dito.

O Inocente não é um verdadeiro arquétipo de herói, pois está indiscriminado – o, o mundo o serve e o satisfaz em todos os seus desejos e ele se encontra como que no Éden. E, como estar no paraíso é apenas uma fase, não podendo ser perpetuada, segue-se a queda, que resulta de uma desilusão e caracteriza o estágio do Órfão, que denota o desejo de retornar ao estado primordial de pureza e inocência, no qual não há dor e sofrimento e todas as necessidades são satisfeitas, sendo que o Órfão se vê como vítima do mundo. A seguir vem o arquétipo do Mártir, aquele que se sacrifica acreditando que obterá a redenção através do sacrifício. Ele não se acha uma vítima do mundo; ao contrário, opta pelo papel de vítima, na crença de que seu sofrimento trará benefícios ou recompensas a si ou aos outros.

O Nômade é o arquétipo daquele que parte sozinho para uma exploração do mundo, em busca de aventuras ou de um tesouro perdido. Na verdade, esse é o momento que define o início da jornada rumo a si mesmo pois, aliado à aventura, tem-se o recolhimento interior. Ao desbravar o mundo, o Nômade identifica seus “dragões” e “vilões”, momento em que deve passar para o estágio de Guerreiro, a fim de lutar contra os dragões e vilões internos, sendo o arquétipo que melhor se identifica com o herói ou com atos de heroísmo. Quando se fala em herói, equaciona-se o Guerreiro.

Temos enfim o arquétipo do Mago, o que aprendeu, com os outros arquétipos, a responsabilizar-se por si, por seus atos e escolhas, em virtude de ter alcançado uma maior consciência de si mesmo, de seus propósitos, de seus anseios, de seus medos. Assim, aceita a realidade como é, com todas as suas similaridades e diferenças e assume suas próprias lutas, sem sentir necessidade de provar nada a ninguém.

Apesar dos erros e “maldades” cometidas por Nhô Esteves e que são inerentes a seu modo de vida, se o observarmos sob a ótica do herói, de acordo com a proposta de Pearson, ele é um “inocente”, a quem os outros servem e satisfazem; segue-se então a queda, momento em que perde tudo, tornando-se um órfão da vida. Passa a nômade quando vai, juntamente com o casal, em busca do desconhecido para, a seguir, tornar-se o mártir que se sacrifica através do trabalho árduo e da vida regrada, apesar do desejo e da certeza de que voltará a ter sua hora e sua vez, que representa o desejo de retorno ao estágio anterior, que era isento de sofrimento; após isso, como guerreiro, enfrenta os vilões internos e aos poucos se reestrutura enquanto ser humano. Novamente torna-se nômade,

ao deixar o local em que está vivendo essa fase e, ao final, na luta com Joãozinho bem-bem em favor da família de camponeses, transforma-se em herói.

CAMPBELL (1992) sugere que a saga do herói inicia-se com alguém de quem foi usurpada alguma coisa, e, então, parte numa jornada de aventuras pouco triviais, indo ao enalço do que lhe foi tirado, ou para fazer alguma descoberta e, em seguida, retornar ao ponto de partida, sugerindo uma estrutura circular. Descreve, portanto, a jornada do herói segundo três etapas: a Partida, a Iniciação e o Retorno.

Na Partida, o herói é chamado para sua aventura, podendo aceitar ou recusar o chamado. Se o aceitar, obterá ajuda de algum ser sobrenatural para enfrentar os desafios do percurso. Tais desafios são as provas que enfrentará na fase de Iniciação, que têm por base o enfrentamento das próprias limitações; assim, o herói poderá transcendê-las e, com humildade, encontrar-se. Segue-se, então, a fase do Retorno, também passível de recusa ou aceitação. Se se recusa a voltar, é porque seu ego ficou inflado, por não se sentir mais um indivíduo comum; identificando-se com o Self, sendo, portanto, algo divino. A aceitação indica o retorno ao reino humano.

Tanto através da exposição de Pearson, quanto na de Campbell, observa-se que a jornada do herói é circular e que o Mago ou o Herói retornam ao ponto de partida, porém profundamente transformados, mais conscientes de si, mais individuados.

De fato, Matraga teve usurpada sua família, bem como suas terras, sua posição social. Passa pela fase da partida quando, salvo pelo casal, parte para outro lugar, onde começa uma nova fase de vida, dedicadas a um trabalho árduo, em uma vida cheia de limitações, inclusive humilhando-se e sujeitando-se ao casal, que substitui o ser sobrenatural e que o auxilia, não apenas salvando-o e lhe oferecendo um teto mas, mais que isto, dando-lhe a oportunidade de ingressar em uma nova etapa de vida, oferecendo, pelo simples contato, a chance de confronto, de que ele tanto necessita, com o outro lado da vida e de si mesmo. Nesse novo modo de vida, ele passa de seis a seis anos e meio: “E assim se passaram pelo menos seis ou seis anos e meio, direitinho deste jeito, sem tirar e nem pôr, sem mentira nenhuma, porque esta aqui é uma estória inventada, e não é um caso acontecido, não senhor. (ROSA, 1977, p. 343).

As dificuldades com que se defronta nesta nova fase são os desafios da fase de iniciação, após os quais, parte novamente desse lugar, em busca de retornar ao lugar de origem, quando então vivencia a fase do retorno, caracterizada pela aceitação em voltar ao lugar de antes e reconstituir-se como pessoa.

No caminho encontra o bando de Joãozinho Bem-bem e a oportunidade única de provar a si mesmo que o sofrimento lhe trouxe de fato a transformação. Ao deparar-se com a iminente vingança do bando

contra uma família do lugar, tem a chance de ser conivente, aceitando passivamente a situação, que inclusive não lhe diz respeito, mas opta por defender a família: enfrenta o bando e coloca-se ao lado da justiça. Seu retorno ao ponto de partida é permeado por uma profunda transformação: se vivo, é o justiceiro, morto, transforma-se em herói.

Ao ser reconhecido por um parente, ao mesmo tempo em que tem restabelecidos os antigos vínculos, recupera a identidade perdida quando foi dado como morto e reencontra-se consigo mesmo na reintegração do nome: tinha sido Nhô Augusto Esteves na época de dono de terras sem escrúpulos e prepotente, foi Matraga na fase de provações e morre como Augusto Matraga, personagem inteira, com a dignidade restabelecida: “Pergunte quem é aí que algum dia já ouviu falar o nome de Nhô Augusto Esteves, das Pindaíbas!” (ROSA, 1977, p.370). Essa luta, que ocorre no centro do arraial, representa o rito de reagregação e, ao mesmo tempo, de separação – ao ser reconhecido como Nhô Esteves, ele reagrega sua antiga identidade, ao mesmo tempo em que, interiormente, separa-se dela, pela transformação que se opera em seu íntimo.

Como, apesar de matarem um ao outro, entre Matraga e Joãozinho bem-bem existe amizade, respeito, consideração, Joãozinho faz o reconhecimento da antiga identidade de Matraga que, sendo morto em combate, recupera sua honra. Ao invés de um morto comum, temos agora um santo: “Traz meus filhos, para agradecerem a ele, para beijarem os pés dele!... Não deixem este santo morrer assim”, falou o velho. (ROSA, 1977, p.370).

A diferença de nomes com que o narrador refere-se ao personagem – de início, é Nhô Augusto Esteves; na fase em que é dado como morto é Matraga, para chegar a Augusto Matraga no final da narrativa – deixa ainda mais marcada a diferenciação quanto a sua identidade, em cada uma das etapas.

De início, Nhô Esteves, apesar do dinheiro e do poder de mando, não passa de um escravo do papel a que se submete: por detrás de toda a arrogância e prepotência impostas pelo papel social, há um outro indivíduo, com uma face oculta, que irá revelar-se apenas ao final da história. Porém, para que se revele em sua totalidade esta nova face e ele encontre seu verdadeiro eu, constituindo-se em outro ser humano, livre das amarras de antes, despojado da prepotência e da arrogância, é fundamental que perca tudo e cumpra os ritos de passagem, para só então transformar-se em herói, mesmo que um herói do sertão, imbuído de um heroísmo que ficará conhecido apenas no nível regional e, principalmente, por aqueles a quem salva.

Durante esse período de provação, a passagem, é Matraga. Após recuperar a identidade perdida, ele não pode ser nem Nhô Esteves, nem simplesmente Matraga, pois já não é o mesmo, por isso então é Augusto

Matraga, uma mudança que demonstra que ele não mais tem em si do antigo senhor de terras, mas traz consigo aquilo que aprendeu durante o afastamento do lugar de origem, acrescido do que obteve através da luta contra Joãozinho Bem-bem, formando, dessa forma, um novo ser.

Dizia que teria sua hora e sua vez e de fato a teve, não no sentido de recuperar suas posses, mas no sentido de ter encontrado sua verdade, reconstituindo-se como uma identidade plena, completamente diferente do Nhô Esteves prepotente e arrogante. Ao fim da narrativa ele é um ser humano íntegro, capaz de arriscar a vida para salvar da aniquilação uma família humilde que nem conhecia. Vivenciando uma experiência de passagem, em todas as suas etapas, tendo tido dinheiro e poder, perde tudo, inclusive a antiga identidade, sofre privações de toda ordem, mas se reestrutura interiormente, para ressurgir mais à frente como um herói.

Aí está exatamente o significado do rito: o encontro com o eu e a constituição da verdadeira identidade do indivíduo, com um retorno marcado por uma profunda modificação interior, sem a qual nenhuma provação faria qualquer sentido.

De significado idêntico, porém teorizado de forma diferente, o processo de individuação proposto por Jung: a busca do verdadeiro eu, a libertação da massificação do papel social, o encontro do Self, justamente aquilo que Augusto Matraga encontra ao final da jornada em busca de si mesmo. Personagem rica, inserida em uma obra de alta significação humana, Augusto Matraga presta-se a uma análise sob os três enfoques: o do processo de individuação, o da trajetória do herói e o dos ritos de passagem, ilustrando perfeitamente qualquer um deles.

Ele é o rico senhor de terras, personagem aparentemente comum, cumprindo seu papel social, mas trazendo dentro de si a face oculta do herói, que pede passagem para encontrar-se consigo mesmo e revelar-se em sua totalidade, em um processo de individuação que, mesmo sendo inconsciente, surpreende totalmente o leitor e representa uma completa virada, fazendo uma profunda análise da subjetividade humana.

REFERÊNCIAS

BUENO, Francisco Silveira. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME, 1981.

CAMPBELL, Joseph. (1992) *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. *O Poder do Mito Entrevista com Bill Moyers*. São Paulo: Palas Athena, 1996.

FREUD, Sigmund. *Tótem e Tabu*. Tradução: Jayme Salomão. Vol XXIII das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1969a.

- JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do Inconsciente*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.
- _____. *Fundamentos da Psicologia Analítica*. 9ª. ed. Tradução: ELI, Aracelli. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *Os arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Tradução: SILVA, Dora Mariana Ferreira da e APPYL, Maria Luiza. 2ª. Ed. Petrópolis, 2002.
- _____. *O Homem e seus símbolos*. Tradução: PINHO, Maria Lúcia. 3ª.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Vozes, 1964.
- MEUNIER, Mário. *Nova Mitologia Clássica: a legenda dourada: história dos Deuses e heróis da Antigüidade*. Tradução: SILVEIRA, Alcântara. Nova Mitologia Clássica. Ed. Ibrasa, 1976.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Vol. II. Rio de Janeiro: Livraria S. José, 1952.
- ROSA, João G. *A hora e a vez de Augusto Matraga. Sagarana*. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.
- PEARSON, Carol S. *O Herói Interior*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- SANTOS, Theobaldo Miranda. *Lendas e Mitos do Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1985.
- VAN GENEPP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1978.